



notícias do intervalo

antologia
poética

&legal edições
ruído manifesto

falar para não estar tão só, quando estar só parece ser o pior. falar da maneira que conseguimos, que conhecemos. talvez uma equação simples. e ainda assim topamos com o velho questionamento: poesia, numa hora dessas? sim, poesia, falar, em todas as horas. falar sobre o além da janela, sobre a secura das ruas, sobre traumas que não respeitam isolamento, sobre dívidas a pagar assim que o toque de recolher for suspenso, sobre estar dentro de uma caixa azul. mesmo durante o intervalo as notícias continuam correndo.

notícias do intervalo

antologia
poética

foi organizada e editada
por felipe andré silva

e lançada numa parceria entre
a &legal edições
e a revista ruído manifesto
em abril de 2020

composta em circular
no adobe indesign

todos os direitos são reservados
às autoras e aos autores

4 ao telefone
tarso de melo

6 elegia pequena
matheus gumêni

8 canção áspera
germano rabello

12 voyage autout
pedro mohallem

14 [criar outros
larissa veloso

16 o dia da caça
caetano sousa ro

22 [a cidade est
caio augusto leit

24 the great dyi
enoo miranda

26 zoom
felipe andré silva

28 edf. caeté
pedro queiroz

30 durante todo
raian oliveira

34 quinta-feira
leonardo a. amor

38 as unhas do
jorge miranda

42 [corajoso não
sofia ferres

	44 guilhotina lucas litrento
no-burguesa n barreto	46 mortal kombat telma scherer
a	54 asfixia divanize carbonieri
ir de l'auteur	56 [quando soubermos o que fazer com as mãos] stefano calgaro
mapas]	58 a parte que me odeia antônio lacarne
a mão	60 dissonância luana claro
á vazia] e	62 [há saudades acesas na distância] thiago ponce de Moraes
ng again	64 [não se permita temer o tempo] frederico klumb
a	66 canção da aurora felipe ribeiro
	68 como eu leonardo marona
o esse sábado chuvoso	72 possíveis fins de mundo #1: acidente nuclear joão pedro faro
rim	
homem branco	
o é o homem]	

AO TELEFONE

para o Matheus

Tarso de Melo

(Santo André/SP, 1976) é autor de *Íntimo desabrigo* (Alpharrabio/Do-bradura, 2017) e *Rastros* (martelo, 2019), entre diversos livros.

(1)

digito uma letra no telefone e surgem
entre os contatos dois amigos mortos

passeio pela lista e vejo outros nomes
de pessoas para quem não vou mais ligar

se insisto, não me atendem mais
se desisto, dizem algo que não ouço

deixo os números ali, os nomes, suas fotos
deixo nosso silêncio, no entanto, vivo

deixo-os como uma janela antiga
deixo ali o contato impossível

(2)

salto sobre os nomes dos amigos
que poderiam me atender

salto e temo pelo dia em que seremos
todos impossíveis, intocáveis

uma longa lista de contatos
em que ninguém se deixa contatar

como se um vírus alterasse
todos os números que não sei de cor

como se apenas o vírus soubesse

o que ainda nos falta tocar

Elegia pequeno-burguesa

Matheus Guménin Barreto

(1992) é poeta e tradutor mato-grossense. Publicou *A máquina de carregar nadas* (7Letras, 2017) e *Poemas em torno do chão & Primeiros poemas* (Carlini & Caniato, 2018). Doutorando da Universidade de São Paulo e da Universidade de Leipzig, estudou também na Universidade de Heidelberg. Encontram-se poemas seus no Brasil, na Espanha e em Portugal (2ª antologia poética da Revista Cult, Escamandro, plaquete “Vozes, Versos”, Palavra Comum; entre outros), e integrou o *Printemps Littéraire Brésilien 2018* na França e na Bélgica a convite da Universidade Sorbonne. Publica livro novo em 2020.

Há a hora em que se sussurra –

(sussurra o vento na sombra
de uns galhos cheirando a urina,
a urina e jasmim) e alguém
sussurra do desfazer-se,
sussurra do desmontar-se
no estático entardecer.

Entre contas, dentifrícios,
livros, restos de uns amores,
restos de um tempo macio
que teima em se desmontar,
sussurra alguém entre posses,
sem posse mais de seu rosto,
um burguês atordoado
em sombras :: no entardecer.

CANÇÃO ÁSPERA

Germano Rabello

Jornalista, compositor, ilustrador, quadrinista, escritor, cineasta.

Tudo junto, misturado, bagunçado e criativo no coração.

A materialização da morte é uma canção áspera.
Mas espero que nem seja tanto. Não ainda.
Que morram apenas algumas corações
e que alguns novos pontos de vista se entrem
– Abracadabra, abre-te sésamo.

Já houve antes outras ciladas,
onde a peste teve sua vez – a vida teve tantas vezes.
Teus irmãos índios foram também dizimados pela influenza
[comum.

Houve tantas tragédias e tantas bênçãos.
Nas quase mortes se agradece a vida.

O sutil que habita em nós anseia a mais profunda consideração
Que nem sempre se pode esperar dos predadores microscópicos.
Destes seres, talvez sua luta seja semelhante à nossa
E todos destroem para se preservar.

Por enquanto, toca a melodia mais enervante possível
E cabe a nós meditar o seu significado oculto.
Se alguém puder ver beleza na destruição, esse será seu vinho.
E nos manteremos aquecidos e embriagados enquanto pudermos.

No íntimo, dizendo: eu já fui esse, já fui outro.
Em momentos que não sabia o que falar, balbuciei.
E peço a compaixão pelas nossas falhas,
e entendo onde o meu equívoco foi mais inocente.
Na inocência existe a possibilidade de mudar.
E na saturação do vício, também.
No conhecimento brutal que sobrevoa,
poder assumir posturas de proteção.
Não somos nada, somos um porco-espinho enrolado.
Tempos de afeto desmaterializado,
meu último beijo foi daquela menina, há duas semanas?
Que bom. Mas meus amigos estão por aqui,
nas caixinhas de som e de letra, em suas vozes doces.

E agora esqueço, depois me lembro.

À tarde dancei, à noite estou triste.

Meu amigo veio pegar uns antidepressivos comigo.

Deixa ser. O que tivemos de passar, que seja.

Lamento um tanto, mas concebo outras vidas e outros universos
[na minha mente.

E acredito que já fomos pedra, água e lagarto.

Tudo que vier agora nos trará depois algum infinito salto sobre o
[infinito espaço.

Inshallah para as nossas saúdes e nossos pequenos pedacinhos
[de virtudes.

Cantarei umas cançõezinhas cheias de ternura enquanto espero.

Voyage Autour de L'Auteur

Pedro Mohallem

, 24, é mineiro, poeta e tradutor. Formado em Letras pela USP, cursa atualmente o Mestrado em Estudos da Tradução. Autor de *Véspera*; *Debris* (Patuá, 2019), participou de revistas como a *METEÖRO* (Corsário Satã) e de antologias como a *Poesia Brasileira em Contracorrente* (Mondrongo, 2019). Ainda em 2019, publicou uma versão em quadri-nhos de sua tradução do poema “Lenora”, de Edgar Allan Poe, em parceria com a ilustradora Juliana Fiorese. Administra o blog *Esta pouca cinza fria.*, que também é página no Facebook, onde publica poemas autorais e traduzidos.

O que diria Xavier de Maistre
deste quarto tão branco de sentidos,
destes muros caiados milimetri-
camente seccionados e erigidos
sem o menor resquício de *peut-être*?
Imunes ao sujeito e a seus ruídos,
suas paredes não terão ouvidos,
ou já não há segredo que as penetre?

E caso se atrevesse a olhar de perto
a cama feita, o livro desaberto
e o telefone fora da tomada,
ante as paredes onde a vida é inscrita,
encontraria o corpo que as habita
ou só mais uma porta para o nada?

Larissa Veloso

23 anos, formada em Cinema e Audiovisual e mestranda em Comunicação pela UFPE. Escreve poemas vezenquando.

criar outros mapas
para o encontro
habitar o espaço possível
que não é aqui não é aí
mas qualquer coisa entre
uma e outra você e eu
fomos à festa
adivinhamos desenhos
o som está falhando mas eu
te vejo sim você chic&brilhante
habitando minha saudade
nesta noite que não acaba nunca

o dia da caça

Caetano Sousa Romão

nasceu em Ribeirão Preto (SP) em 1997. Mudou-se para São Paulo em 2015, cidade que vive desde então. Formou-se em 2018 pela Escola de Música do Estado de São Paulo em Música Popular (Acordeão) e está concluindo sua graduação em Letras pela Universidade de São Paulo. Escreve poesia e se interessa pelas relações entre texto, musicalidades e performance. Teve poemas publicados em revistas digitais e lançou sua primeira plaquete (Canil) em 2019.

i.
eles chegaram todos de uma vez
há cerca de um mês atrás.

à noite eles se juntam em bando
nas ruas do centro velho.
fazem a maior arruaça.

alguns
acho que são sempre os mesmo
me seguem com os olhos
até eu dobrar a esquina.

ii.
meu pai dizia meu filho ande direito.
abaixa teu ombro.
um homem não se faz com prosa.
se for preciso
revide.

vão querer te escorraçar
você aguente.
vão tentar.

se não puder ser um homem
seja pelo menos um homem
que corre.

iii.
percebe agora.
gente que se deita sem tirar os sapatos.
de cá do equador é assim.

rondam nossa cabeceira. espreitam. eles realmente se importam
[muito.]

no mais, vencer pelo cansaço.

enquanto os que dormem
não surpreende ninguém que eles
despertem tão intranquilos.

saem na pressa

só a roupa do corpo
eu penso vai com deus viu. não digo.

zero a zero. reivindico o sono dos justos ou me boto cabreiro.
não tem solução.

iv.
aí recordo
uma história contada por meu colega.

era assim
um homem matou outro homem
por causa de um par de sapatos.
acho que era isso.

tinha alguma coisa a ver com
terem levado seus sapatos
mas deixado as meias.
se não me engano era isso.

um morto usando meias
sem os sapatos.

v.
pior que foi avisado.
essa temporada
não tá pra brincadeira

chegaram pra ficar.
estão roendo tudo. cada beirada

me admiro dos berros que dão
quando me veem.
teve um que jurou me quebrar

o país afinal
se tornou uma praça difícil.

dai você pensa. cortar o cabelo.
arrumar um disfarce.
vou ali abusar da sorte
irreconhecível.

daqui em diante os becos
as más companhias
a ralé finalmente
bixa bruxa príncipezinho de mictório.

passar batido.
era a intenção.
daniel aos leões, você se lembra.

o fim da linha, quem sabe.

vi.
na verdade,
a história que meu colega contou
era outra

era assim
um homem matou outro
com um par de sapatos

nesses casos

a gramática assombra
e não salva

não entendi bem
carecia de maior detalhe
meu colega não soube explicar

mudo de assunto
reviro os bolsos
sorrio amarelo como aos amigos
pros quais ainda devo dinheiro

vii.
não prego mais os olhos.
cheio de remorso
essa noite estou especialmente intragável.
a pior parte é que sempre volta.

me pego a pensar num homem
que teve a garganta atravessada
por um calçado. foi isso né?

deve ter sido assim
se ainda fossem os cadarços, vá la.

minha indiscrição
tem sido fazer outros usos dos meus sapatos.
não esses.
quando aprendi a amarrar os cadarços
meu pai se orgulhou
como se tivesse me ensinado
algo do mundo.
é estranho.

Caio Augusto Leite

nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela USP, integrou o Printemps Littéraire Brésilien na França e na Bélgica em 2018. É colunista da revista digital Ruído Manifesto. É autor de *Samba no escuro* (Scortecci, 2013); *A repetição dos pães* (7Letras, 2017) e *Terra trêmula* (Caiaponte, 2020).

a cidade está vazia
também meu coração
de angústia se inquieta
e paralisa diante de avenidas
mortas, rios sem sangue,
manequins sem vestes
o sono do presente
os braços dormentes
e a respiração denuncia
a si própria com medo
do futuro: o passado
ganha cor e a alegria adiada
para outros carnavais

nunca mais os gestos serão impunes
na retina essa visão de uma cidade
assombrada pelas janelas fechadas
pelas portas lacradas pelo sol tão
bonito de um verão pestilento

o sol que morre agora longe
no horizonte dessa tarde perdida
anulada nos calendários de todos

o silêncio rompido pelo fantasma
do vento a assinalar com sangue
nos umbrais a chegada da última praga

o mundo todo esse egito atento
se dissolvendo no deserto de si mesmo

The Great Dying Again

Enoo Miranda

é escritor, editor literário, coordenador do Cineclube Tela da Mata, realizador audiovisual e professor licenciado em Letras pela Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte, situado em Nazaré da Mata, município onde reside e trabalha. Entre suas publicações como escritor encontram-se textos em antologias como “Estelita Para Cima: Inquebrável” (Mariposa Cartonera, 2014), “1” (Publique-se!, Livrinho de Papel Finíssimo, 2015), “Papel de Pegar Mosca” (Porta Aberta, 2016) e mais recentemente “Chã” (CEPE, 2018), vencedor do 5º Prêmio Pernambuco de Literatura. Enquanto editor, publicou “Trexêra”, de Ruan Freitas e “Corpo Em Chamas”, de Geisiara Lima, ambos pelo selo VÃO! Edições e Publicações Independentes.

a última
grande
descoberta
de
nossa
era
será:
não

[somos mais que algumas unidades de bilhão de uma espécie de vida que fracassa em se organizar em sociedade e que experimenta com frequência uma sensação individual de poder desde que soubermos racionalizar e com isso criar símbolos e uma parte de nós é hábil em acumular símbolos e a partir dos seus montantes são construídos impérios e agrupados exércitos para escravizar os que não são tão privilegiados assim na execução da mesma tarefa

mas já será tarde

e

depois
de todos
os exercícios de inteligência
e disputas mesquinhas,
de frustradas tentativas de autoafirmação e
de encarrilhamentos
de anos de apreciação estética

à luz dos seres

posteriores

a nós

não passaremos
de pequenos
dinossauros
embebidos de
 vaidade.

Felipe André Silva

(Recife, 1991) é um cineasta, poeta, tradutor, curador e editor brasileiro. No cinema dirigiu os filmes 'Santa Monica' (2015) e 'Um Homem Sentado No Corredor' (2017), entre outros. Na literatura, lançou as plaquetas 'o escritor antônio xerxenesky', 'o aniversário de billie eilish', e 'o autocad de britney spears', e comanda a &legal edições.

mais ou menos o motivo
pelo qual o seu amor
não mais se chama assim
a eterna espera da resposta
quando questionado sobre
o hábito de encarar abismos
respondeu como responderia
a rebecca quinta-feira qualquer
quando você solta a mão
você está com a mão solta
e sofre com a intolerância
e não entende hölderlin
não entende adorno ou sim
são coisas que se supõem
a meio caminho nas ladainhas
exemplo aquele pé-de-calçada
aquele pier aquela costa
perfeita para observar o rio
eu suponho que te esfrie
eu suponho que esse chão
que você chama mário fábio
apolo victor felipe rodrigo félix
e sobretudo virginia woolf
usando gola rolê mostarda
seja isso para você sim
uma amostra grátis siberiana
é isso são coisas simples
qualquer um poderia supor
qualquer um pode ler adorno
e entender a morte da narrativa
no mais eu espero que você
assim como eu noutro dia
tendo aprendido qualquer coisa
e saia dessa com vida
e é apenas esse
o motivo da ligação

Pedro Queiroz

de 93, recife; monta filmes de formatos vários; cozinha; recebe e entrega poemas.

te vejo daqui.
os anos são
pedras cada vez mais lisas,
você conhece bem o desgaste
no romance eterno.
te vejo
no topo
no lajedo de concreto armado
dos anos 60 tua casa
tua restinga no mundo
onde as manhãs se
vitrificam nas folhas
na testa
no café
na paisagem de inspirar cerveja
desta varanda que se dá pro mar.
esta é a música que abre meu ano
este é o texto que nós
ainda vamos escrever
aqui
do alto
as pedras são anos lindos
e refletem da aurora
um carnaval doce e quieto
como se um velho de olinda
voltasse da morte pra outro hino
e a gente estivesse como um disco novo
polindo as arestas no diamante da ponta.
andei fazendo contas e ano que vem
vou ter a mesma idade que você tinha
quando nos conhecemos doze anos atrás
você de volta ao campo grande
eu como se nunca saído da torre
a ver do alto
somos quase iguais
mas a cidade mudou tanto

durante todo esse sábado chuvoso

Raian Oliveira

fiz um retiro de silêncio e escrevi em papel higiênico c uma caneta preta roubada. isso é uma doença.

o pássaro marrom pequeno
passa mas eu não sei o nome

do pássaro marrom pequeno que
minha cabeça chama de rola-bosta mas

eu sei que não é o nome do pássaro
marrom eu escuto o pio com força por algum

vestígio “tu vai cair daí” grita a vizinha coloco
a cabeça no muro “cai não, ele é bactéria” dizia

o menino na bicicleta pro menino na amendoeira
pegando um ninho de sanhaçu aí eu pergunto o nome

do rola-bosta “é rouxinol” oxe sempre achei que
rouxinol fosse roxo mas é o rola-bosta...

—

I
“ó meu pau? babando. culpa tua. tem skype?”
“n. serve zap?” “serve” “81 995148892”
guardou o pau. zap vazio. já faz 3 dias.

II
meu enquadramento: de quatro, minha bunda na metade da tela.
enquadramento dele: plano americano. cortinas à esquerda.
[olhando fixamente c a mão no teclado.
mexo a bunda. passo a mão. rebolo. imóvel. 70 segundos. ele sai.

III
mostro o pau. todo mundo passa.
mostro o cu. “nossa... que cuzão.”
diz a tela preta “abre ele pra mim?”

quinta-feira

Leonardo A. Amorim

nasceu em 1998 em Maceió, Alagoas. É graduando em Comunicação Social e realizou curtas-metragens de forma independente como diretor, roteirista, montador e produtor: “A Noite Estava Fria” (2017) e “Vamos Ficar Sozinhas” (2019). Para o site Alagoar, já escreveu críticas e realizou coberturas de festivais. Desde 2016 mantém presença ativa no audiovisual alagoano como cineasta, curador, mediador e integrante do Mirante Cineclube e do Fórum Setorial do Audiovisual Alagoano.

lembrar de comprar:

passatempo, mortadela pro painho, sorvete de flocos da Fika Frio, leite sem lactose pra mainha, pilhas AA, no caminho, passar na casa de voinha e deixar seu almoço, passear no shopping e talvez comprar roupas, detestar luz fluorescente, procurar alguma promoção da Renner, andar mesmo que não compre, folhear os livros de autoajuda da vitrine, ir no cinema sozinho, me ver na criança do filme, acordar suado de madrugada porque Maceió é quente, ver meu pai se barbeando antes do trabalho, voltar a dormir porque ele pediu, me perguntar se outras crianças usam pijama ou veem o pai se barbeando antes do sol nascer, ver da janela o pé de jambo da vizinha mais velha, perceber a chegada de uma vizinha mais jovem no outro dia, descobrir que ela tem um labrador preto e só um portão de grades entre os dois, dar biscoitos a ele pelas brechas com medo da mordida, ir na casa da vizinha mais velha que se sente sozinha, ficar perto de mainha enquanto ela agoa as plantas no final da tarde, ser traumatizado pelo cachorro que se soltou, lembrar que mainha ficou entre mim e ele, inventar histórias sozinho, fazer novas amigas, me apaixonar, perceber que cortaram o pé de jambo, lembrar de quando atravessei o corredor escuro entre o muro e a casa com ela, que segurou meu braço porque tinha medo e eu gostei, descobrir que a vizinha morreu e que me sinto só, que abraços no cinema não cortam como na vida, sair no meio dos créditos acompanhado, transar com ele, notar que seus olhos ficam bonitos em qualquer luz, contar uma piada que faça rir e sentir mal porque não deveria ser engraçado, porque é um problema sério, transar com ela, pegar um uber até à praia com minha mão na parte interna de sua coxa, dentro da saia, me perguntar se o motorista percebe e se sim o que ele pensa, se ele gosta, me sentir indefeso perto de alguém que saiba se eu estou feliz ou triste pela respiração, ficar na porta de um sarau de poesia que nenhum de nós quer entrar, esquecer que eu odeio o cheiro da maresia e que Maceió é mar e lagoa e esgoto, esquecer o que sinto, acordar suado porque tem alguém com a cabeça nos meus peitos, voltar a dormir porque o sol não invadiu o apartamento e não preciso me barbear, notar sua respiração, perceber

que corpos talvez não sejam suficientes, mas são tudo que temos,
Gillette Mach 3, lâmpadas incandescentes.

AS UNHAS DO HOMEM BRANCO

Jorge Miranda

(Belo Horizonte, 1987) é mestre em Estudos Literários pela Faculdade de Letras – UFMG e pesquisador de poesia brasileira contemporânea. Possui poemas publicados nas revistas e blogs literários Raimundo, Ruído Manifesto, Enfermaria 6 e InComunidade. É autor de dois livros: Antidicção (Cas'a Edições, 2018) e Ontem (Kotter Editorial, 2020).

As unhas
enfim
vão crescer
reflete o
ansioso
homem branco
cuja mania de roer
as unhas
em situações estressantes
tornou-se perigosa.
Sua compulsão interdita
é legível:
antes
entristecia-se
por não conseguir
ganhar mais
nenhum
concurso literário
já que o prêmio vem sendo dado a
mulheres e escritores negros
como forma de aplicar medidas
de alteridade dentro do
mercado editorial brasileiro
e suas estruturas
de reprodução
da desigualdade racial
e de gênero;
no entanto
agora
o crescimento das unhas
o anima
pois dele deriva
uma leitura:
a política da contaminação
expande a lacuna
dos desamparos; a ética

dos contatos reconfigura
a assepsia
em uma opaca
anemia dos afetos
e reinventa, sob o signo
do colapso,
a noção de
comunidade;
o isolamento é o impossível
pois da soma de solidões
eclode um coletivo
no qual
o conjunto unitário
equivale
ao conjunto vazio;
o corpo molda
dentro da hiperconvivência
o autoexílio
e, para não se tornar
estrangeiro à própria pele,
arquiteta uma janela
no deserto;
rente a este
presente
perpétuo
e dilatado
o ser
sofre
a maciça
experiência
que resultará
no óbvio
macroscópico:
de diferente
somente o nosso
apetite,

que estará
maior
e mais voraz;
da doença
dói
bem mais
o não contágio
de não poder consumir
de não poder explorar
de não poder ser indiferente;
o caos
há de passar
basta que o caos
com que já estávamos
acostumados
retorne
rotineiramente
às nossas mãos
às nossas unhas.
O ansioso
homem branco
se sente
de novo
um pouco mais importante
relevante
e indispensável
graças às suas unhas.
Enfim vão crescer
para nelas comportar
de novo
o tempo
a História
o mundo.

Sofia Ferres

(Montevideo, 1980) é autora d'O Pequeno Livreto de Haicais (Ed. Oficina Tipográfica de São Paulo, 2017), En_vuelta (Ed. Laranja Original, 2018, finalista no Prêmio literário Glória de Sant'Anna 2019) e Desmatéria (Ed. Macondo, 2019). Possui poemas publicados nas revistas A Bacana, Voz da Literatura, Ruído Manifesto, Palavra Comum, Oficina Irritada, Eufeme Magazine, entre outras.

corajoso não é o homem
fazendo arma com a mão
o olhar bruto, o punho
– sabe quem eu sou?

o pesado disfarce

não é o homem miserável
dando voz a tudo que perdeu?

ele ainda tem uma mesa à qual sentar.
ele continua mastigando quanta coisa
que rompe
com tantos móveis
e ruído nos cantos.
temeroso prazer ao som de disparos
crescendo junto à parede.

virado de costas
não é um homem estranho
ainda com marcas de infância?
sem ter a janela pela qual sentir
um vento incessante.

devolvam-lhe a substância que perdeu.

Lucas Litrento

é escritor, realizador cinematográfico e produtor cultural, vive na parte alta de Maceió. Como o Sobrevivendo no Inferno, nasceu em 1997. Estuda Jornalismo na Ufal e integra os coletivos Mirante Cineclube e Pernoite. Tem textos publicados em revistas de literatura e mantém um blog no Medium. Os meninos iam pretos porque iam (Graciliano, 2019) é seu primeiro livro. TXOW (2020), de contos, será lançado pela Edipucrs, como vencedor do primeiro Prêmio Delfos de Literatura.

nunca desejei tanto a morte de alguém
há um desconforto em querer matar
quando tantos estão morrendo
como se fossem
enfim
declives em gráficos

um urubu voou tão baixo
que quase ficou preso
entre os cabos de fibra óptica

o dia da sua morte e o alívio que vem depois
é como respirar sem tubos

há um conforto em querer matar um genocida
legítima defesa

tantas formas de silenciar
o último suspiro
tão definitivo
e distante

eu tenho ódio e sei
que devo alimentá-lo no jardim de casa
todas as manhãs, antes do noticiário
afiar a lâmina da guilhotina intocada

a vibração do machado de xangô
cortando o ar feito raio
é o que sempre pedimos quando rezamos o pai-nosso

Mortal Kombat

Telma Scherer

é professora de literatura brasileira no curso de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina. Tem trabalhos na área da performance, vocalidade e poesia expandida. Publicou cinco livros de poesia, entre eles os recentes *Squirt* e *O sono de Cronos*, pela Terra Redonda, e o romance *Lugares Ogros*, pela Caiaponte edições.

Você me chamou pro fliperama
e disse:
vai ser super divertido, sim,
veja, nesta caixa aqui
tem um milhão de jogos,
é como se fosse um mundo.
Eu não sabia jogar, não via mais que
uma sala ruidosa,
uma caixa inexplicável,
e eu tinha muito azar, então disse:
tudo bem, vamos brincar,
mas escolha você.
Ombro a ombro, ali,
você testou os botões:
presta atenção,
precisa apertar aqui, aqui, aqui, e aqui.
Eu não queria bater em você,
e a cada vez que te golpeava
você soltava um sonoro:
“isso, assim”,
alongando o “i” e o “o”,
então eu lembrava
da sua mão
espalmada sobre o meu corpo
e não apertando botões
por aqui, aqui, aqui e aqui;
era como se a sua voz
me dissesse “sim”
sem dizer nada,
mesmo quando estávamos
no bar,
bebendo amenidades
e roteiros de viagem.
Eu não sabia voar,
nem desviar, como você,
era muito a manejar,

e a cada cidade
mudávamos o avatar
e eu não sabia bem
quem eu era, sentada naquele bar.

“Isso, assim”, você disse, e
me deixava ganhar,
por puro galanteio,
cavalheiro de segunda
que sabe amenidades
e domina as horas certas
de partir, morder,
lamber e matar.

Eu não queria matar você,
mas você dizia

“veja que divertido,
olha quanto sangue”,
mas

eu não via
nada além da violência,
não via

para onde íamos,
nem sabia

ser mais que um “Isso”
para a sua viagem
por aqui, aqui, aqui e aqui,

com as vogais
assim, eriçadas,
procurando me controlar
para não partir,
para não morrer
e para não gozar agora.

Nós combinamos
de não morrer, foi isso,
e ninguém larga a mão
nesse combate dos cultos
mas era preciso partir

para cima, na hora,
pra cima deles todos,
os inimigos ocultos,
pra cima de você,
como naquela vez em que
se pôs na cama, desistente de tudo,
depois do fim do mundo,
sem saber o que fazer para me dar prazer
e, porque ficou parado, apenas,
sem ler notícias
nem olhar o celular,
você finalmente descobriu
o outro lado do orgasmo,
e era isso que eu queria dizer, ali,
no meio do jogo,
no surto da pandemia, para vocês,
mais do que o meu “não, isso”,
“não vamos ao fliperama, por favor,
saiam dessa caixa
barulhenta e sem sossego”.
Não disse nada, apenas apertei
aqui, aqui, aqui e aqui, ouvindo a sua voz
se estender
sobre a caixa confusa do meu corpo,
acariciando o meu clitóris
com as suas vogais vibrantes,
e eu era toda terminada em “ar”.
“Acabou a sessão”, você disse,
“já vão fechar”,
“está tudo fechado, agora”,
disseram,
“nós vamos ficar parados”,
“todo mundo solta a mão”,
e tudo isso
era muito rápido, botões, vírus,
orgasmos,

you said, "it's war, now"
"there's nothing more
and they put everything to lose
when they don't know
not even to choose the avatar",
and in empty streets
you cut the horizons
with your blade of me making love.
The script has my blood, I thought,
violence, nothing of niceties
and now
we don't know how to turn back.
"You don't know the right time
to love", you said, "you need to learn
to live without plans, to bite
without leaving a mark
and to stop bleeding",
but it was mortal the fight
that you wanted to teach
just breathing
this contaminated air
of the eternal flipperama
where all of them were.
They had already chosen a monster,
and they pressed
here, here, here, and here,
and their blades cut
my voice in half,
"Come", you said,
"let's buy more cards,
we still need them",
we don't know how to spend, I thought,
and I want to stop
to know where to press,
I want to find a place
to live in my body

sem precisar vagar
nem fazer você desejar
ser o que não se sabe,
nem te ensinar que se pode, sim,
amar sem máscaras, sem sangue,
num golpe de visão, apenas,
longe de todo avatar,
mas ao ar livre,
lá dentro do que ainda não nasceu.
Eu não queria bater em você,
nem partir para cima,
mas você inseriu outra ficha
e eu me senti sufocada
e não tinha mais ar aqui, aqui, aqui e aqui.
Os brinquedos piscaram, gritando:
sua puta, pare de pertencer ao corpo,
ao país, à praça, você não será bem-vinda
se quiser privacidade, mas veja
como é divertido verter-se em vício,
esse vírus é só uma partida, e o sangue
que ainda não sabe a sua hora
verte de umas vulvas despedaçadas, no vento,
e morde a sua própria língua, se respirar,
pois não existe mais do que uma caixa barulhenta
onde as luzes sem carne e bem higiênicas
nascem dos botões do mundo
para viciar o gozo
dos que não têm clitóris.
Finalmente aprendi a jogar, pensei,
nessas ruas vazias de tudo, caminhando
nessa viagem sem fim, sem roteiro,
a vulva paralisada, no vento,
aprendi a voar por aqui, aqui, aqui e aqui
e, sem precisar de avatar
nem vigiar o meu gozo,
disse: “Isso, assim”, alongando bem o “i”

pra que você dormisse, e puxei o lençol,
e desliguei você
sem precisar parar para respirar.

Divanize Carbonieri

é autora dos livros de poesia Entraves (Carlini & Caniato, 2017), Grande depósito de bugigangas (Carlini & Caniato, 2018), Furagem (Carlini & Caniato, 2020) e A ossatura do rinoceronte (Patuá, 2020), além da coletânea de contos Passagem estreita (Carlini & Caniato, 2019).

asfixia das salas de estar
nossa onipresença ainda são
passeia pelas peças tomadas
por tantos alvéolos flutuantes
num ar paralisado e viscoso

as vias que levam à varanda
também estão atravancadas
as mãos em torno da garganta
só não estrangulam a vontade
de apenas voltar a respirar

o pulmão fibroso aguarda
sobre a travessa de faiança
que o desfaçam em filetes
para alimentar os pássaros
pousados no nevoento quintal

muitas criaturas ainda vivem
embora a morte vã já tenha
contaminado nossas camas
conectadas que estamos aos
poucos respiradores de sonhos

o último sopro será dado
entre as parcas paredes
da casa prestes a sucumbir
enquanto os cães ocupam
o asfalto que cede sem nós

Stefano Calgaro

nasceu na cidade de Porto Alegre em dezembro de 1991. Mora em São Paulo. Publicou o livro Pequena volta (Patuá, 2019).

quando soubermos o que fazer com as mãos
o céu se abrirá
teremos dias invisíveis
mas dias cheios de ritos
(honrando nossos
novos mortos)
como se nos preparássemos
para os desavisados
e quem cantasse à noite
não fossem nós mas os prédios
dos quais nos erguemos da cidade

enquanto que às manhãs e às tardes
vivessemos a mesma cidade
em ritos silenciosos
de desapareição

A parte que me odeia

Antônio LaCarne

cearense, formado em Letras Inglês. Autor de Salão Chinês (Patuá, 2014), Todos os poemas são loucos (Gueto Editorial, 2017) e Exercícios de fixação (Publisher, 2018). Participou de várias antologias literárias e teve poemas traduzidos em publicações na Colômbia, Alemanha e Grécia.

este poema morre enquanto engulo três cometas doentes
ou se escondo de mim mesmo os problemas & as luas
caem insólitas pueris sonolentas arquetônicas
afogamentos de mil dias pois eu me encolho & peço
ainda não sei medicar noites de saturno ou me aprofundar sujo
[de lama

esqueço a decoração das paredes onde colagens
mal feitas não se penduram & as plumas no meu pescoço
estão apodrecidas endurecidas acinzentadas desesperadas
no seu pescoço eu me apoio para não me derreter sob o sol
a madrugada também é fogo & inferno nas estrelas
os planetas ordenados oscilam entre paisagem inferno horizonte
estas bobagens insistem em sufocar buracos cósmicos
eu não tenho medo por isso redimensiono a parte que me odeia
os homens que não imploram por uma segunda chance
deuses patetas atores motoristas leões em terreno insólito
o que seria de mim se não houvesse um cacho de bananas
o que seria de mim se não houvesse a mimetização dos signos
o que seria de mim se não houvesse uma poeira astral
o que seria de mim se não houvesse um paraíso de carne

dissonância

Luana Claro

nasceu no outono de 1994 e é graduada em Letras pela Universidade de São Paulo. Publicou, em 2017, o livro de poemas e ilustrações “Diadorim”, pela Editora Patuá. Em 2020, publicará seu segundo livro, “Construção”, pela Editora Urutau.

noite passada sonhei
com os prédios que os homens
lentamente constroem
o prédio engolia os homens
todos tal qual parece engolir
as palavras
nenhum vestígio

noite passada sonhei
com a multidão a caminho
desorientei-me, procurei
mas a língua que me falavam
era totalmente desconhecida
pensava eu que a palavra
era nosso elo

noite passada sonhei
a multidão já voltava
pelas calçadas me demorei
a observar as ilhas de silêncio
há nesse mundo o inenarrável
mas também não é o espanto
mais o que nos une

Thiago Ponce de Moraes

nasceu no Rio de Janeiro em 1986. É poeta, tradutor e professor; autor de, entre outros, *Dobres sobre a luz* (2016, Lumme Editor, finalista do prêmio Jabuti) e *Glory Box* (2016, Carnaval Press, coletânea bilíngue traduzida pelo poeta britânico Rob Packer). Seu novo livro, *Espacelamentos*, será lançado pela Galha Edições e trará desenhos de Priscilla Menezes.

HÁ SAUDADES ACESAS na distância
cidades cujo lume só consome
os braços negros do cair da noite

saudades cujo lume não tem nome
cidades afogadas na lembrança
de quem dorme a fundo a sua dor

Frederico Klumb

é um escritor e cineasta brasileiro, nascido no Rio de Janeiro em 1990. Publicou, entre outros, máquinas mancas da manhã (Edições Garupa), Almanaque rebolado (Azougue, Cozinha Experimental e Edições Garupa) e bichos contra a vontade (7letras).

**Não se permita temer o tempo,
é um de seus mais frequentes hábitos
devorar aqueles que miram relógios e espelhos.
Estudar o tempo é a tarefa dos cegos.**

CANÇÃO DA AURORA

Felipe Ribeiro

nasceu em 1992. É graduando em Letras, tradutor e poeta autor dos livros *Amargo embargo* (2014), *Tijolos de silêncio* (2017) e *O suor que sucede a febre* (no prelo) - os dois últimos pela Editora Cândia. Possui poemas publicados em diversas revistas literárias brasileiras”.

Engatilhada com seus sóis
outra vez,
toca a tez do homem.

Ele ergue as pálpebras, exaustas,
à conclamação do novo dia.
Puxa a casa pelo pulso

na autoridade do levantar.
Rebobina para frente
a história do mundo.

Quanto testemunho!
Quanto barulho ela traz
por sobrevida pouca.

Com sua luva de nuvem morta
e unhas afiadas no dente da noite,
a mão da manhã é uma arma branca.

Leonardo Marona

nasceu no dia 4 de fevereiro de 1982, em Porto Alegre. Publicou os livros: Pequenas biografias não-autorizadas (poesia, 7Letras, 2009); l'amore no (poesia, 7Letras, 2011); Conversa com leões (contos, Oito e meio, 2012); Óleo das horas dormidas (poesia, Oficina Raquel, 2014); Cossacos Gentis (romance, Oito e meio, 2015); Herói de Atari (poesia, Garupa Edições 2017); Dr. Krauss (novela, Oito e meio, 2017); Uma baronesa às quatro da madrugada (poesia, Ed. Urutau, 2018).

o isolamento agora me permite algo que a vida comum impede: que eu me sente por uma hora, em posição bastante confortável, sem me mexer, pensando pouco, sem dizer nada ou coçar o nariz.

e mesmo sem quase nada a fazer, ninguém com quem se possa falar – refiro-me a completos estranhos com quem posso criar as mentiras e não a família que eu sei, me ama, e estaria melhor, eu tenho certeza, se eu pudesse sorrir um pouco mais – sobre as coisas sem importância a que damos estatus de ovo de ouro da nossa colisão que distraía a morte, ainda assim passo apenas uma hora sem dizer palavra que salve alguém de mim mesmo ou eu mesmo de mim, como aprender a morrer sem pressa, como espalhar substância imaterial.

coisa mais estranha, ando ouvindo João Gilberto e realizando refeições, meditando à tibetana e querendo sair do corpo de uma vez ou pelo menos encaminhar o morto ou mentalizar uma lápide na nossa vala comum.

estou feliz ficando cabeludo, além dessa fuça de cientista desmiolado. as plantas, como eu, não reclamam e quase posso sentir que estão até muito felizes porque todos em volta agora se parecem um pouco com elas.

cozinho tudo com batatas e não toco
em nada que possa me contaminar –
mas a sensação é exatamente oposta,
ou seja, a de que eu contamina tudo.
perdi o mérito narcísico de estar preso
a minha própria idéia de mim mesmo.

o isolamento como instrução massiva
fere o solitário em sua trilha fantasma.
terminei um romance gordo e só leio
dois ou três poemas por dia, naquela
máquina automática de caçar moedas.

os gatos, como eu, não sabem se estão
de fato felizes ou miseráveis pela falta
da nossa tão esperada ausência típica
da nossa espécie que, em alguns casos,
veio ao mundo só para louvar os gatos.

gosto de sentir como se fosse um deles,
por mais que isso venha acompanhado
por uma fina fúria contra essa extinção
que empurramos contra nós mesmos.

queria dizer ainda bem que existe arte
e podemos alimentar nossos espíritos
com a consolação estética da epidemia.

estico até onde posso uma corda velha
que ninguém via e agora ninguém vê.
para os sempre concentrados em morrer
a idéia não modifica a turva substância
que me empurra para dentro do silêncio
e desinfeta as mãos da minha esperança.

Possíveis Fins de Mundo

#1: Acidente Nuclear

João Pedro Faro

(2002), crítico de cinema e cineasta, cursa História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.



www.elegal.xyz

www.ruidomanifesto.org



RUÍDO
MANIFESTO